

**artes
do corpo,**

**corpos
da arte**



**artes
do corpo,**

**corpos
da arte**

Jacinto Lageira
Pedro Hussak
Rodrigo Duarte
(Orgs.)



© Relicário Edições

© Autores

CIP –Brasil Catalogação-na-Fonte | Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

A786

Artes do corpo, corpos da arte / organizado por Jacinto Lageira, Pedro Hussak, Rodrigo Duarte. - Belo Horizonte, MG : Relicário, 2020.

180 p. : il. ; 15,5cm x 22,5cm.

Inclui índice e bibliografia.

ISBN: 978-65-86279-08-5

1. Arte. 2. Estética da arte. 3. Filosofia da arte. 4. Artes – Crítica e interpretação. I. Lageira, Jacinto. II. Hussak, Pedro. III. Duarte, Rodrigo. IV. Título.

CDD 701

2020-1391

CDU 7.01

CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Horta Nassif Veras (UFTM)

Ernani Chaves (UFPA)

Guilherme Paoliello (UFOP)

Gustavo Silveira Ribeiro (UFMG)

Luiz Rohden (UNISINOS)

Marco Aurélio Werle (USP)

Markus Schäffauer (universität hamburg)

Patrícia Lavelle (PUC-RIO)

Pedro Süssekind (UFF)

Ricardo Barbosa (UERJ)

Romero Freitas (UFOP)

virginia Figueiredo (UFMG)

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maíra Nassif Passos

PROJETO GRÁFICO, CAPA & DIAGRAMAÇÃO Ana C. Bahia

REVISÃO Lucas Morais e Laura Torres

RELICÁRIO EDIÇÕES

Rua Machado, 155, casa 1, Colégio Batista | Belo Horizonte, MG, 31110-080

relicarioedicoes.com | contato@relicarioedicoes.com

APRESENTAÇÃO 7

DIMENSÕES ESTÉTICAS DA CORPOREIDADE

Dar voz ao corpo: Espinosa e a dança
Cíntia Vieira da Silva 15

O corpo do artista em movimento: caminhar, escrever
Olivier Schefer 31

Da economia cenobítica à "Partilha do sensível":
para uma arqueologia da estética de Jacques Rancière
Rodrigo Duarte 41

Algo impossível: artes ou corpo(s)
Kathia Hanza 53

A ESTÉTICA DO CORPÓREO NA FRONTEIRA DO HUMANO

Uma vertigem lenta da matéria:
por uma estética materialista pós-antrópica
Paula Fleisner 71

A contingência dos crustáceos:
uma metáfora sartriana do corpo
Gilles Tiberghien 103

Deriva
Eduardo Oliveira 117

BENJAMIN PÉRET E A CORPOREIDADE NAS CULTURAS ANCESTRAIS

Reencantar o mundo: algumas notas sobre Péret e o Brasil

Pedro Hussak 131

A poética de Benjamin Péret: da revolta absoluta
ao amor sublime

Martha D'Angelo 147

A crise do objeto por Benjamin Péret:
entre o surrealismo e a etnografia

Letícia Pumar 165

SOBRE OS AUTORES 175

Apresentação

É provável que uma das explicações mais plausíveis para que o pensamento ocidental tenha vindo a estabelecer a estética como uma disciplina filosófica apenas no século XVIII seja o fato de que as reflexões sobre o que hoje chamamos “arte”, desde Platão e Plotino na Antiguidade, passando por Agostinho e outros pensadores medievais, até a Idade Moderna europeia, foram impregnadas pela noção de que existe uma beleza incorpórea e ideal, a qual, por definição, é mais fundamental – e superior – do que todas as manifestações sensíveis, portanto, corporificadas em objetos ou perpassadas por evidente teor de materialidade, tal como é o caso das obras de arte.

Por outro lado, o fato de que o termo “artes do corpo”, o qual compõe o título deste livro, não cause atualmente nenhum escândalo pode ser explicado, em parte, pela existência certamente multimilenar de *métiers* artísticos nos quais o emprego do corpo é mais imediatamente perceptível, tais como a dança, o teatro e outras artes performáticas. Além disso, cumpre observar que, desde a propositura da estética como parte integrante da filosofia ocidental, pelo racionalista Alexander Baumgarten, passando pelo Empirismo Britânico, pelo Iluminismo Francês e pelo Idealismo Alemão, até chegarmos na filosofia europeia contemporânea, travaram-se duras batalhas teóricas para que a corporeidade fosse reconhecida como aspecto fundamental para toda e qualquer reflexão filosófica séria sobre as artes e as culturas.

Desse modo, mesmo num cenário cultural em que a desmaterialização das manifestações estéticas é reconhecida tanto como possibilidade criativa quanto como uma realidade inquestionável, nunca pareceu tão evidente a qualquer pessoa que se ocupe seriamente da prática e/ou da reflexão da arte que essa tem a sua constituição inextricavelmente ligada ao elemento corpóreo. Nesse sentido, seria cabível até mesmo perguntar: qual seria a relevância de se empreender esforços para prosseguir, no século XXI, com uma discussão que esteve tão bem encaminhada, a partir do início do século XX, com as contribuições da Fenomenologia, do Neo-Marxismo, da Hermenêutica, do Pós-Estruturalismo, do Pragmatismo (e do Neo-Pragmatismo) e até mesmo da Filosofia Analítica da Linguagem?

A resposta a essa pergunta é que territórios aparentemente conquistados de modo definitivo muitas vezes revelam-se mais vulneráveis do que se acreditava. Tal é o caso da corporeidade nas artes e, infelizmente, também fora delas. De fato, a onda de neoconservadorismo que tem se alastrado pelo mundo na última década, a qual se manifesta no Brasil de modo catastrófico, atingiu em cheio o tema dos usos que pessoas podem fazer dos próprios corpos e infiltrou-se até mesmo nos meios culturais e intelectuais. Uma vez que isso tem consequências não apenas morais e econômicas, mas também estéticas e políticas, faz-se mister retomar a discussão sobre o corpo nas artes, e essa foi a principal motivação para organizar o “Congresso Internacional Artes do Corpo, Corpos da Arte”, que se realizou em Ouro Preto de 22 a 25 de outubro de 2019, com mais de duzentas contribuições, apresentadas por pesquisadores brasileiros, franceses, argentinos, peruanos e colombianos, oriundos das áreas de filosofia e das ciências humanas, das artes e das ciências sociais aplicadas, entre outras. Este livro consiste numa primeira publicação do material apresentado no congresso, que será oportunamente publicado também em dossiê em um dos próximos números da Revista *Artefilosofia*, do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), e em um volume de anais (em publicação eletrônica) a cargo da Associação Brasileira de Estética (ABRE), ambos coorganizadores do

congresso, juntamente com o Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Optamos por agrupar os textos aqui presentes em três partes, sendo que a primeira, denominada “Dimensões estéticas da corporeidade”, congrega as contribuições que abordam o tema do corpo de modo mais genérico, a partir de autores ou de perspectivas artísticas específicas. Essa seção se abre com o texto “Dar voz ao corpo: Espinosa e a dança”, no qual Cíntia Vieira da Silva aborda as relações entre a dança e a fala, tendo como pano de fundo a *Ética* de Espinosa. Em “O corpo do artista em movimento: caminhar, escrever”, Olivier Schefer vale-se de pensadores franceses como Rousseau, Baudelaire, Valéry, Merleau-Ponty e Deleuze, entre outros, para mostrar que a arte pressupõe a movimentação do corpo do seu criador, até mesmo num sentido literal, como exemplificado pela obra do artista performático Jean-Christophe Norman. No seu texto “Da economia cenobítica à *Partilha do sensível*: para uma arqueologia da estética de Jacques Rancière”, Rodrigo Duarte mostra que a pesquisa realizada por esse filósofo francês contemporâneo sobre as relações entre o trabalho corporal e o intelectual na ótica de militantes operários de meados do século XIX foi um pressuposto imprescindível para o estabelecimento de sua estética a partir dos anos 2000. Encerrando essa seção do livro, Kathia Hanza, com o seu texto “Algo impossível: Artes ou Corpo(s)” indica, valendo-se de autores franceses e alemães contemporâneos (Nietzsche, Burckhardt, Heidegger, Jähning, Valéry, Merleau-Ponty e Didi-Huberman, entre outros), que, assim como é impossível conceber arte sem corpo, o é igualmente pensar num corpo sem arte.

A segunda seção do livro, “A estética do corpóreo na fronteira do humano”, reúne contribuições que objetivam relativizar o ponto de vista antropocêntrico que tem caracterizado o pensamento ocidental apontando tanto para a possibilidade de pontos de vista extra-humanos quanto da animalidade nos próprios seres humanos. Desse modo, Paula Fleisner, no seu texto “Uma vertigem lenta da matéria: por uma estética materialista pós-antrópica”, lança mão – diretamente ou por meio de interpretações

e apropriações contemporâneas – do perspectivismo nietzscheano no sentido de investigar o que seria um ponto de vista a partir do mundo extra-humano, animal ou mesmo vegetal, sobre uma suposta normalidade da vida humana, tendo como inspiração a proposta artístico-curatorial de Cláudia Fontes na 33ª Bienal de Arte de São Paulo, denominada *Slow Bird*. Na sequência, Gilles Tiberghien recupera, no seu texto “A contingência dos crustáceos: uma metáfora sartriana do corpo”, a turbulenta atitude de Jean-Paul Sartre diante dos crustáceos, mostrando, com maestria, em que medida esses se constituem numa simbologia do corpo humano, abordado de um ponto de vista fenomenológico-existencial. Essa seção encerra-se com a contribuição de Eduardo Oliveira, intitulada “Deriva”. Nela, o autor vale-se de contribuições de Glissant, Bidima, Fornet-Betancourt e Greimas, entre outros, para apontar caminhos alternativos ao pensamento racionalista e restritivo do Ocidente, sendo que a narrativa sobre a divindade primordial do panteão iorubano *Oxaguiã* apresenta-se como corporificação dessa alternativa.

Se essa alternativa significa um tipo de confluência entre as visões de mundo europeia, ancestral autóctone e afro-brasileira, a terceira e última seção do livro, “Benjamin Péret e a corporeidade nas culturas ancestrais” aponta o poeta e intelectual surrealista francês como uma figura-chave na construção de um ponto de vista questionador do racionalismo ocidental e totalmente receptivo às contribuições das culturas não-europeias, nas quais a corporeidade desempenha um papel que o Ocidente não hesitou em recalcar e reprimir. Nesse sentido, a contribuição de Pedro Hussak, “Reencantar o mundo: algumas notas sobre Péret e o Brasil” apresenta tópicos fundamentais da produção desse autor sobre o pano de fundo de uma reflexão sobre os aspectos nefastos que o *desencantamento do mundo*, identificado por Max Weber e criticado por Adorno & Horkheimer como característico da racionalidade ocidental, trouxe para a concepção de uma humanidade realmente emancipada. Na sequência, Martha D’Angelo, com o seu texto “A poética de Benjamin Péret: da revolta absoluta ao amor sublime”, analisa aspectos da produção poética do surrealista francês, tendo

como pano de fundo as influências europeias, oriundas do idealismo e do romantismo alemães, assim como o impacto da cultura afro-brasileira sobre a sua posição. Fechando a seção e a própria coletânea, Letícia Pumar revela em “A crise do objeto por Benjamin Péret: entre o surrealismo e a etnografia”, sob a ótica das investigações do poeta acerca das culturas autóctones e afro-brasileira, a faceta de colecionador de objetos do autor, aos quais ele atribui valor antropológico, abordando o tema da corporeidade por um viés a princípio insuspeitado.

Finalmente, gostaríamos de agradecer a todas as pessoas e instituições que contribuíram para a organização do “Congresso Internacional Artes do Corpo, Corpos da Arte”, tais como os Programas de Pós-Graduação em Filosofia da UFOP e da UFMG, a Capes, a comissão organizadora composta por colegas dessas e de outras instituições e a ABRE. Para a produção deste livro, agradecemos de modo especial ao consórcio Capes-Cofecub, que, mediante o apoio concedido ao projeto “Estética contemporânea: diálogo de culturas”, viabilizou sua publicação pela Relicário Edições, à qual também agradecemos pela eficiência, pelo espírito de colaboração e pelo primoroso trabalho de edição.

Os organizadores